



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, de autoria da Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos.

Editora: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos (Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*) - <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>
<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>

Revista indexada em:

NACIONAL

WEBQUALIS - <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam> - da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Ministério de Educação - Brasil), em **nové** (atualizado em 27/out./2013) subáreas do conhecimento (conforme tabela da CAPES/2012): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (**C**), Ciências Humanas: História (**B4**), Ciências Humanas: Geografia (**B4**), Ciências Humanas: Psicologia (**B3**), Ciências Humanas: Educação (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Artes/Música (**B5**), Multidisciplinar: Ensino: Ensino de Ciências e Matemática (**B2**), Multidisciplinar: Biotecnologia (**C**).
GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

INTERNACIONAL

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>
DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>
GOOGLE SCHOLAR - <http://scholar.google.com.br>
IREsIE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>
LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>


n. 15 (jul. – dez. 2013), dez./2013

NARRATIVAS DE FORMAÇÃO COMO ATO DE REINVENTAR-SE: REVELAÇÕES EM PROJETOS DE EXTENSÃO, UPE- GARANHUNS - BRASIL




FORMATION NARRATIVES AS AN ACT OF SELF-REINVENTION: REVELATIONS IN EXTENSION PROJECTS, UPE-GARANHUNS - BRAZIL

Nayane Monteiro da Silva

Especialista em Ensino de Biologia pela Universidade de Pernambuco (UPE) - *Campus*
Garanhuns 

Grupo Interdisciplinar de Representações Sociais e Formação em Educação e Meio Ambiente da
Universidade de Pernambuco (UPE) 
E-mail: nayane_monteiro@hotmail.com

Vera Lúcia Chalegre de Freitas

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) 
Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE) - *Campus* Garanhuns 
Grupo Interdisciplinar de Representações Sociais e Formação em Educação e Meio Ambiente da
Universidade de Pernambuco (UPE) 
E-mail: vera.chalegre@upe.br e/ou vluzfreitas@gmail.com

186

Artigo recebido em 30/ago./2013. Aceito para publicação em 7/nov./2013. Publicado em 20/dez./2013.

COMO CITAR O ARTIGO: SILVA, Nayane Monteiro da; FREITAS, Vera Lúcia Chalegre de. Narrativas de formação como ato de reinventar-se: revelações em projetos de extensão, upe- Garanhuns – Brasil. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 15 (jul. – dez. 2013), Feira de Santana – Bahia (Brasil), dez./2013. p. 185-201. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.

RESUMO

Este texto objetiva mostrar narrativas de formação em vivências/experiências em oficinas, projeto de extensão. Essas vivências, momentos de aprendizagens, ocorreram com estudantes do Ensino Fundamental (6º ano) de escolas públicas, Garanhuns-PE. Usaram-se vídeos, desenhos e pinturas sobre natureza, observação de paisagens, representações de natureza. Centra-se na narrativa da Licenciada em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco - *Campus* Garanhuns, interpretada pela orientadora, redimensionada por ambas. Tem como questão: o que foi formador na experiência do projeto de extensão? Adotam-se abordagens metodológicas à luz passejiana quanto às representações sociais da escrita, em abordagem processual, como momentos narrativos: ritual de iniciação; retorno, errância e partidas; confiança e ético; prática formadora e (re)elaboração permanente. As narrativas foram analisadas em termos de fatos e de aspectos narrativos: momentos narrativos; situação da narrativa; e de si mesmo/outro. Registram-se nas análises: insegurança inicial no projeto de extensão; (re)definições ao iniciar as atividades; confiança, respeito e responsabilidade no coletivo; complementaridade do/no grupo. Das considerações pode-se dizer que as vivências/experiências de extensão, superação das inseguranças, o diálogo e a ética no grupo, e especialmente as reflexões sobre a formação e a resignificação das aprendizagens, narrativas formação, constituíram-se como ato de (re)inventar-se. Palavras-chave: Narrativas. Formação. Extensão. Aprendizagens.

ABSTRACT

This text aims to present the formation narratives in the experience of workshop and extension project. These experiences, moments of learning, occurred with elementary school students



(6th grade) of public schools in Garanhuns, State of Pernambuco. We used videos, drawings and paintings about nature, watching the landscape and depictions of nature. It focuses on the narrative of a former student, licentiated in Biological Sciences, at University of Pernambuco - Garanhuns Campus, interpreted by the supervisor and resized by both authors. The paper had as its question: what was formative in the experience of the extension project? For this we adopted the passegian methodological approaches, regarding the social representations of writing in procedural approach, as narrative moments: rituals of initiation; returns, wanderings and partings; trust and ethics; and forming practice and permanent (re)elaboration. The narratives were analyzed in terms of facts and narrative aspects; narrative moments; narrative situation; and self/other narrative. The analysis were registered: initial insecurity in the extension project; (re)definitions to initiate activities; collective trust, respect and responsibility; complementarity of/in the group. It can be considered that the experiences of extension, overcoming insecurities, dialogue and ethics in the group, and especially the reflections on the formation and redefinition of apprenticeships, formation narratives, constituted themselves as an act of self-(re)invention. Keywords: Narratives. Training. Extension. Apprenticeship.

Translated by Marina de Sá Leitão Câmara de Araújo

INTRODUÇÃO

Escrever é reinventar(se), através da escrita. [...].
“Escrever é conceber-se”. (Passeggi, 2003)

Escrever como encontrado na epígrafe, representa conceber-se, reinventar-se. É um caminhar para si quando se adota as narrativas de formação. De acordo com Santos (2012):

A escrita sobre si expressa a singularidade do sujeito objetivo-subjetivo diante de opacidade, de atos falhos, de lapsos de memória, de conflitos, de implicações libidinais, de preconceitos e de crenças primitivas, que constituem o sistema de referências de suas demandas conscientes e inconscientes tecidas no movimento da tríade lembrança-memória-esquecimento constitutiva da história de vida desse sujeito (p. 23).

Assim licenciada se reinventa ao narrar as suas experiências de extensão, durante as vivências no projeto de extensão no período de 2009 a 2010, mas com contribuições em 2011 e 2012, em outras equipes que se sucederam. E orientadora busca nos referenciais teóricos elementos que dê subsídios a essa formação.

Sabe-se que as pesquisas que se baseiam nos relatos de vida, nas narrativas de formação, entre outros métodos relacionados, vem se destacando no meio científico e acadêmico dado as dimensões epistêmicas que as narrativas podem possibilitar na formação inicial e continuada. Visa uma reflexão formativa e centrada na percepção do ser e de sua atuação no espaço social, considerando uma inter-relação entre os processos individuais e coletivos na construção do



conhecimento. Diante dessas colocações fica evidenciada a relevância que existe em processo educativo associado à significação, valorização, reflexão e avaliação constante de todo o caminho percorrido durante a formação de vida e profissional. Assim reitera-se a importância dos estudos que abordam as pesquisas centradas na formação, focalizando os métodos (auto)biográficos na construção do conhecimento científico.

O estudo, em tela, objetiva mostrar as narrativas de formação em projetos de extensão, buscando um despertar de como essa experiência é apresentado no campo epistêmico, bem como essas se apresentam em termos de fatos e aspectos de narrativas de formação, sendo esses referentes a momentos narrativos, situação da escrita e de si mesmo/outro. Tem como questão de pesquisa: o que foi formador na experiência do projeto de extensão?

Procura-se articular referências e referenciais nos estudos concernentes as narrativas de formação, complementadas com as abordagens de memoriais de formação, narrações de histórias de vida, método (auto)biográfico. Esse alcance resulta das possibilidades das análises dos dados e da importância do campo epistêmico nessa formação.

Busca-se inicialmente o percurso das concepções epistêmicas de narrativas de formação, tendo como base os estudos, argumentações e tensionamentos nas referências em Josso (2007; 2008); Josso e May (2009) Passeggi (2011); Passeggi et al. (2011); Pineau (1988); e Souza et al. (2008) e Souza (2008), quanto as referências e referenciais nos estudos atinente as narrativas de formação, complementadas com as abordagens de memoriais de formação, narrações de histórias de vida e das concepções epistêmicas (auto)biográficas.

Apresenta-se como abordagem teórico-metodológica às representações sociais da escrita, em abordagem processual, com reflexões nos estudos em Passeggi (2003), com reflexões concernentes ao ser deixado e levado pelas associações livres, para evocar recordações-referências, com fins de organizá-la numa coerência narrativa, como abordado em Josso (2004). As análises são expressas como Narrativas de experiências de extensão, como ato de reinventar-se e conceber-se, para finalmente chegar às considerações finais.

O PERCURSO DAS CONCEPÇÕES EPISTÊMICAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Os textos narrativos revelam o seu aspecto (trans)formador, no momento em que conduz o pesquisador a analisar, refletir, avaliar sobre si, sobre o outro e sobre o espaço onde se encontra inserido, despertando uma nova percepção do eu, do outro e do espaço, tornando tal percepção enriquecida de sentidos e significados, originando novas formas de aprender e ensinar.

Nesse contexto Josso (2007) afirma que as “As narrativas centradas na formação ao longo da vida revelam formas do pensar, do agir e do viver junto” (p. 413). Assim as vivências transformam-se em experiência de vida, recriando o individuo inserido no mundo de reflexões. Nessa ótica Passeggi (2011), põe em realce: “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (p. 148).

Diante do exposto pode-se perceber que o processo de escrita contribui para um acordar para si, a fim de tornar cada momento vivenciado (no meio social, dentro do espaço de trabalho, no círculo familiar, entre outros espaços) em experiências formadoras. Assim são apresentadas afirmativas de Passeggi et. al. (2011), referindo-se a escrita e assumindo a expressão biografização: “estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes



não tinha como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização” (p. 371).

Os trabalhos que utilizam as abordagens das narrativas de formação entre outros métodos reflexivo-formativos baseados nos relatos de vida; vem ganhando cada vez mais espaço no meio científico. No Brasil as narrativas destacam-se no setor das produções científicas voltadas para as áreas educacionais. Buscando contribuir para as questões referentes à formação do ser presente e atuante no mundo. Nesse contexto Souza et al. (2008) nos fala sobre esse movimento:

O movimento biográfico no Brasil tem sua vinculação com as pesquisas na área educacional, seja no âmbito da História da Educação, da didática e formação de professores, bem como em outras áreas que tomam as narrativas como perspectivas de pesquisa e de formação [...] (p.34).

189

Ressalta-se que nessa prática há um despertar para sua existência, percebendo-se no processo construtivo de si, situado em um contexto sócio-histórico-cultural, dentro de uma inter-relação individual-coletivo. Assim destaca-se em Souza (2008):

As ideias de biografia, trabalho biográfico, biografização e aprendizagem biográfica emergem e enraízam-se no curso da vida, como uma maneira que representamos a nossa existência e como contamos para nós mesmos e para os outros, em estreita relação com a história e a cultura (p.39).

Ampliando essa visão Josso (2007) explica que ao narrar às experiências de vida que se encontram fundamentadas nos valores, nas práticas, nas representações, e ideologias, o ser percebe sua capacidade de transformação. Assim, esse ser, torna-se um ser construtor e reconstrutor de si e do meio onde se encontra. Nesse contexto as relações sociais e culturais estão articuladas com a subjetividade do ser, ressaltando a formação dessa identidade que é tanto individual quanto coletiva, iniciando o despertar de um novo olhar do narrador. Diante dessa atmosfera apresenta-se a fala de Josso (2007):

O trabalho de pesquisa a partir da narração da história de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiências [...] esse trabalho de reflexão a partir de narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos profissional e social (p. 414).

As narrativas embasadas numa percepção onde as vivências devem ser percebidas sob a luz uma aprendizagem significativa, transformando-se em experiências que contribuem para o processo educativo é destaque nos escritos de Josso e May (2009):



Perceber que a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências [...] (p.137).

Desse modo a percepção do indivíduo como um ser atuante no espaço social, bem como um ser que também recebe influências culturais, onde há uma relação mútua entre o individual e o coletivo, contribui para o processo educacional que visa uma aprendizagem significativa. Dessa forma as histórias de vidas contribuem para uma conscientização do ser histórico que consegue ver o percurso de sua formação como exposto nas colocações de Passeggi et. al. (2011), onde enceta:

A centração no indivíduo como agente e paciente, agindo e sofrendo no seio de grupos sociais, conduz cada vez mais a se investigar em Educação a estreita relação entre aprendizagem e reflexividade autobiográfica. Sendo essa última considerada enquanto a capacidade de criatividade humana para reconstituir a consciência histórica das aprendizagens realizadas ao longo da vida (p.372).

Afirma-se que no momento em que o ser si observa e compreende, o indivíduo terá desenvolvido outras habilidades de caráter sociocultural, atuando conscientemente no espaço coletivo. Essa perspectiva se amplia à medida que é discutida em termos de desenvolvimento de competências genéricas transversais, referindo-se ao encontrar-se o nosso ser-no-mundo, e, portanto, competências históricas, com exigências culturais na vida individual e coletiva, como abordado em Josso e May (2009):

Penso que o desenvolvimento das competências genéricas transversais, tais como as dimensões do nosso ser-no-mundo, é o mais importante, porque elas exercem o papel básico no desenvolvimento das competências mais históricas, exigidas, culturalmente, na vida coletiva e individual (p.137).

A discussão das narrativas de formação, relatos de experiências de vida, biografização, remete uma reflexão sobre o processo de construção, desconstrução e reconstrução da identidade do ser e também de um grupo social, destacando a pluralidade, a flexibilidade que há no contexto da criação e do desenvolvimento de uma identidade que se encontra em uma constante significação e ressignificação. É dentro dessa atmosfera que Josso (2007) enuncia:

Trabalhar as questões de identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. Às constatações que questionam a representação convencional de uma identidade, que se poderia definir num dado momento graças à sua estabilidade conquistada, e que se desconstruía pelo jogo dos



deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referencia e das referencias socioculturais, junta-se a tomada de consciência de que a questão de identidade deve ser concebida como processo permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, através da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socioculturais visíveis da existencialidade. (p.415-416).

Diante das discussões pode-se observar o quanto é complexo a busca pela compreensão de si, dentro de um processo social-histórico-cultural, onde o indivíduo influencia e é influenciado nas construções de valores, princípios, sentidos e representações que buscam tornar o abstrato e o desconhecido em algo concreto e familiar. Assim diferentes dimensões estão em constante interação nessa construção de um ser (trans)formador que tem seus fundamentos baseados na experiências vivenciadas. Nessa linha de pensamento apresentam-se as colocações de Josso (2007):

191

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser-sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade (p. 420).

Destaca-se que atualmente no Brasil há uma grande variedade de abordagens referentes às temáticas voltadas a formação do profissional, em especial o professor, onde é discutida a trajetória do ser dentro de uma ótica aberta, onde há um posicionamento do individuo diante de si, do outro e do espaço. Assim Passeggi *et al.* (2011) argumenta:

Observamos que as pesquisas no Brasil têm se inspirado nas diversas correntes e tendências, tanto externas quanto internas e se caracterizam por sua diversidade na produção de novos conhecimentos. As pesquisas no contexto da formação vêm demonstrando duas dimensões importantes para o processo de emancipação do sujeito-ator-autor, por um lado, a reflexividade autobiográfica na promoção da transformação das representações de si, do outro, a possibilidade de ‘inserção negociada’ na cultura (p.380).

A referida autora ressalta que as narrativas de formação, revelam o existir no interior da pessoa que narra, narrativa de si como autopoietico, anuncia-se como sujeito e se enuncia como autor. Assim os relatos revelam não apenas momentos vivenciados, mas vivências que ganham ressignificações, dentro de um “despertar” para o mundo. Dentro dessa atmosfera Passeggi *et al.* (2011), escreve:

Trata-se de um espaço-tempo interior que preexiste á escrita efetiva, mas que encontra na narrativa sua expressão, a ponto de confundir-se com ela. Na narrativa de si, como autopoietico, o autor vai construindo uma figura de si, no



exato momento em que se anuncia como sujeito e se enuncia como autor de sua história (p.381).

Consoante Passeggi *et al.* (2011) a narrativa não é apenas um ato de escrever sobre algo, mas um ato que leva a perceber, a reconhecer, dando novas dimensões ao que se sabe sobre si. Essa é vista em sua escrita: “De modo que a escrita autobiográfica como prática de formação não se reduz à evocação de uma trajetória, mas considera o trabalho biográfico como ação heurística, constitutiva da constituição do que se sabe sobre si” (p.381).

Dessa forma percebe-se que as narrativas, os relatos de vidas, focados em uma formação, buscam na escrita atribuir significação ao que foi ou é vivenciado, transformando em experiências de vida enriquecidas de sentidos. Esse contexto apresenta-se nas colocações de Passeggi *et al.* (2011):

Entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo. A experiência, em nosso entendimento, constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz mediante a ato de dizer, de narrar (re)interpretar (p.149).

Sabe-se que a área de estudos voltados a Educação, tem utilizado do método biográfico para realizações de pesquisas, onde se tem revelado um importante instrumento investigativo, principalmente nas dimensões formativas do profissional docente. Dessa forma Souza *et al.* (2008) ressaltam tal colocação, bem como faz sugestão de temáticas bibliográficas desenvolvidas por outros autores, como segue:

[...] ao se buscar o recurso às histórias de vida como fonte para a elaboração de estudos sócio-históricos dos processos educacionais, entende-se que são fontes potentes para a consideração dos processos de dotação de sentidos das experiências dos sujeitos. A história da educação e as práticas de formação têm sido, no caso brasileiro, duas importantes vertentes nas quais se fazem presentes às histórias de vida. [...] (p.33).

No que se refere às construções dos textos autobiográficos, Souza *et al.* (2008) expressa ainda que exista uma multiplicidade cultural que se releva por métodos formativos inovadores, especificamente em nosso país. Desse modo os referidos autores proferem:

[...] grande variedade de práticas e de representações acerca da construção educativa dos sujeitos. “A invenção de si”, associada ao recurso à autobiografia espelha potencialidades do método de conhecimento e formação e a constatação da multiplicidade das configurações culturais brasileiras impõe a busca de caminhos também inovadores para as práticas educativas [...] motivações distintas e contam com alicerces também diversos, buscando responder, de formas múltiplas, às necessidades do campo educacional do país. [...] (p.33).



Josso (2008) também destaca que as narrativas contribuem para revelar uma pluralidade existente no processo individual e coletivo da construção identitária. Assim afirma que: “Trabalhar as questões identitárias, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação de narrativas de vidas escritas, permite-nos evidenciar a pluralidade, a fragilidade e a mudança de nossas identidades ao longo da vida [...]” (p.17).

Diante da temática da existencialidade no processo de relato de vida, biografização ou narrativas de formação, reflexões quanto à relação existente entre o ser cultural em que recebe informações, valores, ideologias entre outras influências e também o ser individual capaz de avaliar, aceitar ou negar condições, em uma constante construção e reconstrução do ser conhecedor e formador, assim Josso (2008) destaca:

Esse conceito de existencialidade singular-plural remete logo a uma problemática que acompanha o percurso da vida vivida em uma tensão permanente entre as transformações das limitações dos coletivos e a evolução dos sonhos, dos desejos e das aspirações individuais [...] (p. 21).

A referida autora evidencia em suas colocações uma relação existente entre o ser e o espaço coletivo, desse modo expressam que: [...] precisa não perder de vista que, nessa identidade para si, não existe individualidade sem ancoragem coletiva (família, grupos diversos cada um com sua história!). (p.26).

Destaca-se ainda em seus escritos que a escrita sobre si possibilita um despertar, onde o ser encontra-se consciente de seus valores, suas ideias, seus princípios entre outras questões norteadoras da posição do indivíduo em uma sociedade histórica e cultural. Assim a autora anteriormente referenciada realça:

Sem um trabalho especificamente centrado na conscientização de nossas idéias, crenças, convicções, etc., pelo qual o trabalho biográfico sobre as narrativas de formação é uma das vias possíveis, ficamos profundamente prisioneiros de nossos destinos sócio-culturais e sócio-históricos. A invenção de si no singular plural logo implica em vigilância, vontade e perseverança, a fim de permanecermos seres vivos em evolução e não mais seres vivos em prorrogação (p.29).

Diante de tais exposições torna-se evidente que as narrativas de formação, bem como os relatos de vida, biografias e autobiografias constituem um instrumento investigativo e formativo de notável relevância no espaço educacional. Desse modo às pesquisas que abordam tais temáticas vem ganhando notoriedade no percurso do ensino-aprendizagem que tem como uma de suas bases a humanização, a significação e um ser (trans)formador do espaço sociocultural. É dentro dessa atmosfera que Souza (2008) afirma:

Apropriar-se e pensar a formação, focadas nos memoriais, configura-se como fator preponderante para o entendimento das trajetórias formativas, uma vez que abordam dimensões pessoal e profissional da vida do sujeito, compreendendo as influências referentes às escolhas que são feitas no decorrer da vida. Só assim, analisando o percurso, no sentido de desvendar o profissional que nos habita, e



que desejamos ser, é possível conhecer a própria historicidade e dar sentido às experiências vividas, ressignificando conhecimentos e aprendizagens experienciais (p.44).

Essas reflexões nos conduzem a pensar na abordagem metodológica da pesquisa, como descrita a seguir.

NARRATIVAS DE FORMAÇÃO COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA

194

Neste texto apresenta-se às narrativas formativas referentes às vivências/experiências em projetos de extensão pela licenciada em Ciências Biológicas, tendo como meio de construção as reflexões de um despertar e transformação de si. De acordo com Passeggi (2003), referindo-se as transformações de si: “essas transformações engendram outra transformação nas representações do sujeito, que passa a se conceber como criador, leitor / interprete, na busca de sentidos para sua própria vida” (p. 52).

As experiências vivenciadas em extensão (2009 e 2010) pela licenciada e orientadora possibilitaram esse sentimento (trans)formador para/na formação, levando-nos a pensar na importância de cada momento vivenciado em oficinas. Essas, oficinas, aconteciam em vários momentos de aprendizagens quanto às temáticas relacionadas à Educação Ambiental, como meio ambiente, natureza, reciclagem, sendo vivenciada por estudantes, pré-adolescentes, do Ensino Fundamental (6º ano) e monitorada por estudantes universitários do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco - *Campus Garanhuns*. Tinham como recursos didáticos os vídeos, as construções de desenhos com pinturas, construção de frases, poesias, poemas sobre a natureza. E materiais referentes à reciclagem.

Importante destacar que além da extensão, as participações ocorreram em orientações em projetos de pesquisa, monitoria e de trabalho de conclusão de curso de Graduação (monografia) e de Pós-Graduação Lato *Sensu* em Ensino de Biologia (monografia), e da participação no Grupo Interdisciplinar de Representações Sociais e Formação em Educação e Meio Ambiente – GIRSFEMA. Essas vivências/experiências possibilitaram um múltiplo percurso de formação para a licenciada e para a orientadora, decurso da formação, embora que para este artigo encontra-se a experiência em projeto de extensão.

A narrativa de formação foi livremente evocada pela licenciada, levando-se em consideração as reuniões vivenciadas nos grupos, as vivências dos relatórios e até de publicações em experiências de formação. Isto possibilitou uma ressignificação das aprendizagens formativas, em termos do plano da interioridade. De acordo com Josso (2004), esse plano de interioridade “implica em deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa, em torno do tema da formação” (p.39).

Para este estudo, as narrativas de formação tiveram como inspiração os estudos de memoriais apresentados por Passeggi (2003) quanto às representações sociais da escrita. Essa se apresenta como primeiro ato: ritual de iniciação, sendo a escrita como uma luta; o segundo ato: o processo de reescrita. Esse escrever é conceber-se; finalmente o último ato. Apresenta-se o escrever como uma viagem. A autora analisa em termos de representações da escrita (a) do memorial, (b) da situação da escrita, (c) de si mesmo.



Neste estudo a opção é pela análise das narrativas levando-se em consideração três aspectos: O primeiro denominado de Momentos de narrativa, compreende a iniciação; os retornos, errâncias e partidas; confiança e ética no processo coletivo; prática formadora e (re)elaboração permanente. O segundo aspecto refere-se a ‘situação da narrativa’. E o terceiro aspecto reflexões: De si mesmo/outro. O fluxograma mostra a abordagem metodológica (Fig.1).



Fig.1 Fluxograma da metodologia da pesquisa narrativa de formação

NARRANDO EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO COMO ATO DE REINVENTAR-SE E CONCEBER-SE: REVELAÇÕES DA LICENCIADA E OLHARES DE ORIENTADORA

As narrativas de formação da experiência de extensão são apresentadas na primeira pessoa do singular, pelo fato de tratar-se da trajetória da formação da licenciada. Todavia ao referenciar-se ao grupo aparece a primeira pessoa do plural. As narrativas foram organizadas em quatro momentos, como segue:



Narrativas de formação: da iniciação - Confesso que no início havia insegurança quanto ao desenvolvimento do projeto de extensão, pois tudo era novidade, ou seja, uma descoberta, mas a experiência da professora orientadora e o auxílio de cada colega que constituía o grupo de extensão, deu mais segurança, pois eles me receberam muito bem (Fala da licenciada, 2013).

Essa insegurança da orientanda no projeto de extensão e expresso nas suas narrativas faz parte do que Passeggi (2003) denominou de “ritual de iniciação” quando da sua experiência com os memoriais. Para a autora o “memorial caracteriza-se como uma narrativa autobiográfica [...] o autor torna-se sujeito e objeto da reflexão” (p. 49). Realça que os processos de autoria e de construção identitária enlaçam-se num único movimento (Passeggi, 2000 *apud* Passeggi, 2003, p. 49). Nota-se que a força do grupo e o acolhimento foram fundamentais nessa experiência de extensão.

Narrativas de formação: dos retornos, errâncias e partidas - Destaco que inicialmente que nós, grupo, redefinimos várias vezes como seriam iniciadas as atividades, sendo propostos vários temas, na busca de uma maneira mais adequada de atingir os objetivos traçados. Percebi que na vida muitas vezes é preciso (re)começar cada momento de nossa história. Esse momento refere-se a um retorno, momento de busca de acertos. Nos estudos de Passeggi (2003) referindo-se as representações sociais do memorial esse pode representar o “retorno, errância e partidas” (p. 53).

Narrativas de formação: confiança e ética no processo coletivo - Desse modo nós, grupo de extensão, éramos regido pela confiança, respeito e responsabilidade um para com o outro e todos com o projeto. Tentei participar de todas as formas possíveis sempre a procura de um processo coletivo, onde cada participante apresentava funções específicas que contribuíram para a complexidade e dinâmica, destacando que as diferenças não necessariamente se anulam ou se opõem, mas sim se complementam e é assim que a sociedade é composta, a partir da diversidade cultural e de pensamento (Fala da licenciada).

Referindo-se ao “escrever é conceber(se)” Passeggi(2003) reconhece que as “dimensões criativa, estética e ética emergem do processo hermenêutico, interpretativo da história mítica de cada um. Escrever é reinventar-se, através da escrita” (p.52). Destaca a autora que “essas transformações são compatíveis com o desejo de afiliação acadêmica”. Penso que essa afiliação é demonstrada nas ressignificações que a licenciada demonstra de como o projeto de extensão foi concebido em sua formação (p.52).

Por outro foram consolidados muitos valores que levo para minha (auto)formação, e no processo de passar para as pessoas que estão a minha volta reforço a convicção da “(hetero)formação”, tendo eco na perspectiva Pineauniana. A licenciada percebe já as dimensões da sua formação no que postula Pineau (1988).

Trabalhar com os/as pré-adolescentes é algo que nos leva a pensar em um futuro melhor, onde as diferenças não serão motivos de preconceito, onde a desigualdade socioeconômica seja menor e que o homem se veja articulado com a natureza. Porém para que esse futuro um dia possa ser realidade os/as pré-adolescentes de hoje devem aprender a respeitar todas as formas de vida, a cumprir o seu dever, enquanto cidadão e saber exigir seus direitos, construir valores e princípios formadores (fala da licenciada).

Nesses projetos de extensão que foram realizados pelo grupo, procurou-se de forma direta ou indireta construir as idéias do ser cidadã, a partir das brincadeiras e atividades artísticas realizadas, pelos vídeos apresentados. Acredito que ao vivenciar essas oficinas aprende-se também com os/as pré-adolescentes e com cada colega do grupo (fala da licenciada).



Narrativas de formação: da prática formadora e (re)elaboração permanente –

Durante essa jornada foram sentidas algumas dificuldades. Essas possibilitaram um desafio a mais, ou seja, um incentivo extra para a realização de nosso trabalho. Essas dificuldades se constituíram em algumas divergências de opiniões que com um bom diálogo e, embasado por diversos argumentos, ganharam uma melhor compreensão e enriquecimento do/para o grupo, logo se pode dizer, com convicção, que existiu um duplo sentido da formação, “prática formadora e o de (re)elaboração permanente”, no que expressa Passeggi (2011) quando trata da reflexividade autobiográfica, como lido:

A reflexividade autobiográfica propicia a quem narra a possibilidade de abertura para as novas experiências e que podemos acatar a ideia da experiência em formação no seu duplo sentido: o de prática formadora e o de reelaboração permanente (p.155).

197

A questão do horário disponível no/para o grupo foi um fator que necessitou de uma atenção especial no que trata da construção do relatório, já que o grupo era formado por colegas de outras cidades e que nem sempre poderiam participar. Entendendo essa situação buscamos outras formas de compartilhamento, podendo-se ajudar mesmo que não estivesse presente na construção dos relatórios (Fala da licenciada). Nota-se que o grupo se (auto)regula para um melhor desempenho das atividades propostas (Fala da orientadora).

Temos a certeza das aprendizagens que ocorreram em termos de conhecimentos sobre reciclagem, natureza, meio ambiente, sustentabilidade e das representações sociais, dado que foi nas representações sociais de natureza que se pensou a fase inicial da oficina de extensão, além do que foram as representações sociais de sustentabilidade ambiental que ocorreu a minha monografia no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Biologia. Percebe-se que as aprendizagens foram formativas na narrativa da prática formadora e (re)elaboração permanente.

Diante do exposto, só temos a agradecer a todos/as aqueles/as que participaram conosco desse lindo trabalho que contribuíram nessa construção de formação de história de vida e formação profissional. Ponho em realce a minha formação enquanto pessoa e assim pude me avaliar dentro de um processo de autoconstrução, e também da construção social, cultural e acadêmica (Fala da licenciada).

Essas experiências possibilitaram reflexões em termos de valores, enquanto cidadã profissional, aluna, enfim nos vários momentos da vida. Vejo-me diante dessa reflexão formativa, atuando na construção da minha própria história e também na construção do outro (Fala da licenciada). Nota-se que houve um crescimento de vida e profissional (Fala da orientadora).

Segundo Passeggi (2003) um “memorial constitui-se como prova concreta do crescimento profissional” [...]. Esse crescimento é percebido na escrita: No instante que argumento, discuto sobre minhas crenças, valores, ideias, representações e princípios que dão a minha vida a base para minha prática individual e coletiva, repasso o que acredito ser verdadeiro e importante na vida, ou seja, há um constante significar e ressignificar no processo de construção das aprendizagens (Fala da licenciada).

Nota-se que a mesma se apresenta como ‘autora da sua história’ e isto é percebido nos memoriais apresentados em Passeggi (2003).



Assim participar do projeto de extensão foi também uma auto-avaliação, resgate de minha história, momento que é ressignificado cada oficina, que constituiu o projeto como um todo. Diante do exposto só se tem a agradecer a todos/as aqueles/as que participaram conosco desse lindo trabalho, nessa construção de história de vida e formação profissional. Agradeço aos discentes das escolas públicas que participaram das oficinas e de nós, grupo, de licenciatura em Ciências Biológicas, especialmente a orientadora que não media esforços para nos levarmos às reflexões quanto às ressignificações das aprendizagens formadora. Ponho em realce a minha formação enquanto pessoa. Assim pude me avaliar dentro de um processo de autoconstrução, e também das reflexões da construção social, cultural e acadêmica.

Essas experiências em projetos de extensão estiveram presentes dentro de todo o percurso realizado pela licenciada no espaço acadêmico, bem como externo a esse espaço, na sua relação com os amigos, familiares, no meio social como um todo.

Sendo refletidas nas construções monográficas de graduação e Pós-Graduação Lato *Sensu*, evidenciado que o processo de formação é constante e permanente; impregnados de valores, sentidos, ressignificados a cada momento vivenciado. É dentro dessa percepção que os trabalhos (auto)biográficos destacam-se e ganham força no meio acadêmico como produção científica que contribui para a formação de profissionais e sobre tudo de seres atuantes.

Percebe-se que ao narrar à formação o individuo desperta para si e para o mundo, constituindo-se um ser-no-mundo, e nessa formação, recorre-se as recordações referencias, postulado na perspectiva jossiana, a fim de buscar os momentos que marcaram as nossas vidas, e que se encontram impregnados de sentidos e significados, revelando que a aprendizagem é um processo de interiorização e socialização na formação inicial e contínua.

O destaque da confiança e ética no processo coletivo se encontra relacionado à construção de valores, como: confiança, respeito e responsabilidade, bem como a visão de sociedade mais justa, vista como processo complexo e dinâmico existente no desenvolvimento do projeto. Assim percebe-se que a valorização do trabalho em grupo, ou seja, da complementaridade do/no grupo fortalecendo e consolidando valores, construídos durante o percurso de vida, tais como responsabilidade em participar do projeto, o respeito com todos que participaram, o comprometimento em todos os aspectos do desenvolvimento do trabalho foram bastante formador como história de vida e para a profissão.

O quadro a seguir permite mostrar as narrativas de formação no projeto de extensão, sendo estruturado em dois blocos. Um deles vai tratar de Fatos e três aspectos de formação: (1) momentos narrativos; (2) situação narrativa; e (3) De si mesmo/outro.

PROJETO DE EXTENSÃO	ASPECTOS NARRATIVA DE FORMAÇÃO		
	FATOS EXPERIÊNCIAS	MOMENTOS NARRATIVOS	SITUAÇÃO NARRATIVA
“INSEGURA NO PROJETO DE EXTENSÃO”	“Ritual de iniciação” (Passeggi, 2003)	Desafios Descobertas	Superação (apoio grupo / orientadora) Acolhimento (Receberam muito bem)



(RE)DEFINIÇÕES AO INICIAR AS ATIVIDADES	“Retorno, errância e partidas” (Passeggi, 2003)	Novas temáticas propostas	(Re)começar cada momento de nossa história
CONFIANÇA RESPEITO RESPONSABILIDADE COLETIVO	Confiança e Ético	Processo coletivo	Confiança, respeito e responsabilidade um para com o outro, e todos com o projeto.
COMPLEMENTARIDADE DO/NO GRUPO	“Prática formadora e (re)elaboração permanente” (Passeggi, 2003)	Participações individuais e coletivas	Contribuições para a complexidade e dinâmica. [...] As diferenças não necessariamente se anulam ou se opõem, mas sim se complementam [...] a sociedade é composta, a partir da diversidade cultural e de pensamento.
		Desafios e incentivos	Desafio a mais, ou seja, um incentivo extra para a realização de nosso trabalho.
		Divergências Opinião e diálogo	Divergência de opinião e um bom diálogo, e embasado por diversos argumentos, ganharam uma melhor compreensão e enriquecimento do/para o grupo.
		Dificuldades: horários disponíveis (Atenção especial no grupo)	Grupo era formado por colegas de outras cidades e que nem sempre poderiam participar. Buscaram-se outras de formas de compartilhamento, podendo-se ajudar mesmo que não estivesse presente na construção dos relatórios.
		Consolidados muitos valores Transmissão de conhecimentos e valores	Levo para minha (auto)formação, e no processo de passar para as pessoas que estão a minha volta.
Auto-avaliação/ Ressignificação	Resgate de minha história no momento em que é ressignificado cada oficina que constituiu o projeto como um todo.		

Quadro 1 Análises das narrativas de formação do projeto de extensão quanto aos fatos e aspectos das narrativas (momentos narrativos, situação narrativa e de si/outro).



DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o objetivo deste texto é mostrar as vivências/experiências do projeto de extensão, oficinas, e como as narrativas possibilitaram a compreensão da formação, em termos de fatos e aspectos narrativos (momentos narrativos, situação da escrita e de si mesmo/outro). E responder ao questionamento: o que foi formador?

Assim percebe-se que as experiências foram formadoras pelas superações, tanto do momento de iniciação nas vivências do projeto de extensão, tanto quanto nas dimensões dos conhecimentos (re)elaborados na formação. As redefinições de temáticas para dar início às oficinas que constituíam o projeto foram essenciais para um recomeço da formação, uma vez que possibilitavam as ampliações de aprendizagens de vida e de profissão.

Destacam-se os momentos de iniciação, representada pela insegura do desconhecido, do novo, das descobertas, onde é superada em segurança por meio da experiência da professora orientadora e do auxílio de todos da equipe. Evidencia-se a força do grupo e a importância do acolhimento, fundamentais para a experiência em extensão.

Pode-se dizer que as superações das inseguranças, o diálogo e a ética no grupo, a auto-avaliação, resgate da história em cada momento das oficinas, e especialmente as ressignificações das aprendizagens, narrativas de formação, constituíram-se como formadoras no ato de (re)inventar-se. Esse ato de reinventar-se é fundamental para a formação inicial e continuada quando se pensa a dimensão epistêmica e dos movimentos interativos do existir em constante formação.

REFERÊNCIAS

JOSSO, Marie-Christine. As Narrações Centradas sobre a Formação durante a Vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma Existencialidade Singular-Plural. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 17-30, jan./jun., 2008.

_____. A transformação de si a partir da narração de história de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano xxx, n.3(63), p.413-438, set/dez. 2007.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 285p.

JOSSO, Marie-chistine, MAY, Margaréte. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. **Revista@ambienteeducação**. São Paulo, v.2, n.2, p.136-139, ago/dez. 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Educação, Porto Alegre, v.34, n.2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

_____. Representações sociais da escrita: uma abordagem processual. In: CARVALHO, Maria do Rosário de.; PASSEGGI, Maria da Conceição.; SOBRINHO, Moisés Domingos (Orgs.).



Representações sociais. Mossoró-RN: Fundação Guimarães Duque/ Fundação Vingit- un rosado, 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a Formação: Pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista.** Belo Horizonte, v.27, n.01, p. 369-386, abr. 2011.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: PINEAU, Gastón; NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa. Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos, 1988. p. 64-77.

SANTOS, Valdeci dos. **Memórias de uma professora-bióloga:** desejos, olhares e espelhos. 1. ed. – Feira de Santana: s.n.; 2012, 217p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum identidades,** Sergipe, v.4, n.2, p. 37-50, jul/dez, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. A Pesquisa (Auto)Biográfica e a Invenção se si no Brasil. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade,** Salvador, v. 17, n. 29, p. 31-42, jan./jun., 2008.

